

Continuidades e Dinossâncias na Arquitetura Industrial de Hans

Broos

Karine Daufenbach

Mestranda pelo Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura – PROARQ – UFRJ

kdaufenbach@yahoo.com.br

Este artigo se fundamenta na análise de duas obras industriais: a Hering Matriz de Blumenau, Santa Catarina, construída em 1968 e o projeto da Hering Nordeste, que data de 1975, localizada na cidade de Paratibe Paulista, Pernambuco. Este estudo parte de reflexões que as unem e distanciam ao mesmo tempo: ambas são do arquiteto Hans Broos e construídas em um curto intervalo de tempo; porém localizadas em regiões diferentes e situação diversa e apresentam características formais divergentes. Deste modo, a análise busca verificar qual o papel da crítica na apreciação das obras e quais as condicionantes que guiaram os projetos.

Palavras-chave: arquitetura industrial

This paper is based in the analysis of two industrial works: Hering Matriz, Blumenau, Santa Catarina, built in 1968 and Hering Nordeste, built in 1975, located in the city of Paratibe Paulista, Pernambuco. Many criterias are observed: both belong to architect Hans Broos and built in a short interval of time; however located in different areas and several situation and they present distinct formal characteristics. This way, the analysis intends to verify the discuss about these works and which parameters are most relevant in the projects.

Key-words: industrial architecture

Introdução

Hans Broos chegou ao Brasil em 1953 e fixou residência inicialmente na cidade de Blumenau, Santa Catarina. Em 1968 mudou-se para São Paulo, onde estabeleceu escritório de arquitetura e trabalha atualmente. Formado em 1947 pela Universidade de Braunschweig, Alemanha, trabalhou como assistente do professor Egon Eiermann na Universidade Técnica de Karlsruhe, Alemanha, entre os anos de 1949 e 1953, e participou da elaboração de inúmeros projetos, entre eles, industriais e religiosos.

Ao chegar ao país Hans Broos teve intensa produção, com cerca de 200 obras construídas. Dedicando-se a várias áreas, sua produção é composta principalmente por obras residenciais,

religiosas, hospitalares e industriais, além de edifícios públicos e planejamento urbano. Em Blumenau, poucos anos após sua chegada teve início sua produção de projetos industriais, dando início a sua colaboração na Indústria Têxtil Hering. Inicialmente Hans Broos trabalhou na ampliação e expansão da Hering matriz de Blumenau e na formulação de seu plano diretor. Nesta empresa há o sistema de satélites, que são indústrias de pequeno porte localizadas nas proximidades da matriz, responsáveis pela costura dentro do processo de produção. Em Santa Catarina, a Cia. Hering compõe-se de seis unidades fabris: a matriz em Blumenau e as satélites de Itororó, Encano, Rodeio, Ibirama e Água Verde. Deste núcleo, ainda surgiu a Hering Nordeste, na cidade de Paratibe Paulista, PE. Foi através desta obra que o arquiteto ganhou maior projeção. Em 1983 foi concedido o prêmio anual do IAB de São Paulo para a Hering do Nordeste, obra construída, na categoria edifícios industriais.

Este artigo intenciona traçar um paralelo entre duas obras industriais do arquiteto Hans Broos: a Hering Matriz de Blumenau, Santa Catarina, construída em 1968 e o projeto da Hering Nordeste, que data de 1975. O interesse nestas obras consiste no fato de serem formalmente dissonantes, localizadas em regiões diferentes e realizadas em curto intervalo de tempo. Esta análise se fundamenta no estudo das condicionantes principais de projeto e qual a reflexão da crítica acerca das obras. Para tanto, os seguintes aspectos serão levados em consideração: implantação, volumetria e plasticidade, e partido e estrutura.

Contexto Histórico

Os anos de 1950, com o fim dos CIAM e as vicissitudes do Team 10, protagonizam uma paulatina evolução da ortodoxia do Movimento Moderno pautada na continuidade das propostas formulados pelos mestres do Movimento Moderno. Há, sobretudo, a necessidade de uma renovação, tendo em vista novas demandas sociais; mais uma revisão formal dentro dos próprios parâmetros, já que os critérios de projeto e tecnológicos se mantinham.

Após a segunda guerra mundial o paradigma da máquina se debilita, e o modelo centrado nas formas puras direcionou-se a um modelo mais aberto, em que o contexto, a natureza, o vernáculo, a expressividade de formas orgânicas e escultóricas, e a expressividade dos próprios materiais passaram a predominar. Há uma transformação da visão do edifício racionalista enquanto algo autônomo: uma fragmentação do edifício e diferenciação das fachadas, visando quebrar a repetição, a monotonia, além da busca por uma maior

expressividade e monumentalidade na arquitetura. Este último aspecto teve notoriedade na solução de conjuntos construídos sobre plataformas, em que Brasília e Chandigarh são exemplos.

O contexto urbano vai adquirindo importância nas discussões, entendido de uma maneira mais complexa que o exposto na Carta de Atenas. A ideia do edifício autônomo e isolado na cidade vai perdendo espaço para uma noção de ambiente urbano, que considera os edifícios integrados ao contexto topográfico e urbano. A ideia de lugar passa a ser corrente; a arquitetura deixa de ser entendida como espaço físico, plástico, racional e funcional, e passa a ser vista como lugar, algo mais concreto, qualitativo e humano; passa-se de uma ideia abstrata à uma concepção mais material.¹

Parte da obra desenvolvida por Le Corbusier a partir dos anos de 1950 manifesta esta mudança, com a valorização do uso de materiais como concreto aparente e tijolos à vista – além do resgate de certas técnicas construtivas rudimentares em suas obras. Esta nova fase é o que pode ser chamada de Brutalista, justamente o período que mais exerceu influência internacional na arquitetura dos anos de 1950 e 1960. Sem dúvida, a obra mais paradigmática deste período e que mais deu sinais da revisão formal que se processara é a capela de Ronchamp (1950-1955).

Do impasse entre crise e continuidade que caracterizou os anos de 1950, surgem novas metodologias projetuais nos anos 1960. Abre novos horizontes as propostas do grupo Archigram, a crítica tipológica de Aldo Rossi e a arquitetura comunicativa de Robert Venturi. As discussões provenientes da década anterior começam a se materializar e permitem entrar em uma nova época.

Esta mudança de expressão na arquitetura que se concretizou na Europa na década de 1950 também teve fortes ressonâncias no Brasil. A partir de meados dos anos de 1950 a arquitetura paulista vinha desenvolvendo uma linguagem diferentemente daquela desenvolvida pelos arquitetos cariocas: uma linguagem marcadamente influenciada pelo brutalismo, sinalizado, sobretudo, na figura de Le Corbusier e sua Unidade de Habitação de Marselha. Essa mudança que se processou na arquitetura brasileira foi contemporânea, portanto, à construção de

¹ Montaner, Josep Maria. *Depois do Movimento Moderno: arquitetura da segunda metade do século XX*. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2001, pág. 41.

Brasília; até este momento vivíamos uma época de continuidade racionalista. É nessa época, porém, que há uma mudança na expressão formal da arquitetura, quando o predomínio da arquitetura nacional passa da escola carioca à escola paulista, e suas primeiras manifestações datam de meados dos anos de 1950, prolongando-se por toda década de 1960.

O termo brutalismo refere-se a uma reação crítica de jovens arquitetos em relação à construção das “new towns” inglesas do pós-guerra, e segundo Reyner Banham, descreve uma nova atitude na arquitetura, e tinha pretensão de ser uma “ética” e não uma “estética”² que prezava pelos elementos estruturais do edifício aparentes, conferindo, assim, o próprio caráter do edifício. Montaner define as características desta arquitetura: estrutura do edifício aparente, a valorização dos materiais por suas qualidades inerentes e a expressão de cada um dos elementos técnicos.³ No Brasil, o brutalismo caracterizou-se por um idealismo que levou os arquitetos a terem esperanças em um novo país, em uma mudança social através da arquitetura, que se aproximava muito das vanguardas européias do início do século XX. Segundo Maria Alice Junqueira Bastos, esta arquitetura, formalmente, “caracterizou-se pela ênfase na verdade construtiva – levando à exposição da estrutura, em geral em concreto, das alvenarias de vedação, feitas em tijolos ou blocos de concreto, das tubulações – e pela aspiração à industrialização da construção e ao desenvolvimento técnico”.⁴ Outra característica marcante é o papel e a importância da estrutura como definidora dos espaços, além do uso do concreto aparente, que no Brasil foi, via de regra, a própria expressão dessa arquitetura.

Os anos de 1970 passam a ser visto como uma nova etapa, onde novas estratégias teóricas e práticas são buscadas. As formulações teóricas e os projetos e obras propostos por arquitetos como Aldo Rossi, Robert Venturi e Charles Moore evidenciam esta mudança formal. Nesta época ganha força uma posição abertamente crítica ao legado do Movimento Moderno. Uma situação que no final da década se consolidou como pós-moderna, que assiste a uma diversidade de posições, inclusive umas contrárias às outras, marcando o fim da continuidade pretendida pelas vanguardas e o início do pluralismo. O livro de Charles Jencks, *A linguagem da arquitetura pós-moderna*, publicado em 1977, veio a evidenciar a consciência de se estar vivendo uma nova condição.

² Banham, Reyner. *El Brutalismo em Architectura: Ética ou Estética?* Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1966, pág. 8.

³ *Idem*, pág. 73.

⁴ Bastos, Maria Alice Junqueira. *Pós-Brasília: rumos da arquitetura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 2003, pág. 6.

No Brasil, as ressonâncias da arquitetura moderna ainda foram sentidas nos anos de 1970 como uma atitude de resistência, de arquitetos que ainda se expressavam dentro do repertório formal desta arquitetura, explorando as possibilidades plásticas do concreto armado. Apesar das discussões pós-modernas, a arquitetura brasileira, até a década de 1980, ainda parecia estar sob a égide modernista, vinculada à tecnologia do concreto e à obsessão estrutural.

Análise dos Projetos

Hering Matriz (1968)

Implantação

À proximidade do Conjunto Fabril da Hering Matriz de Blumenau destaca-se, indubitavelmente, sua forte presença física junto ao meio. Este fato deve-se principalmente, a dois motivos: primeiro, seus volumes simples e robustos contrastam com a sinuosidade da paisagem circundante; segundo, pelo uso do concreto armado como expressão do caráter dos edifícios.

É digno, porém, ressaltar que um aspecto que nos condiciona a uma análise mais atenta, diz respeito à implantação do conjunto, no entremeio de morros, onde a natureza tem participação ativa em sua configuração. As imposições naturais do meio e as premissas que conduziram a formulação do plano diretor foram diversas, nas palavras de Hugo Segawa: “respeitar a paisagem e a vegetação do vale onde se insere o conjunto; organizar e construir um conjunto de edifícios numa área de configuração estreita e alongada; valorizar os remanescentes arquitetônicos das instalações pioneiras da empresa e inserir novas edificações industriais e administrativas com outra escala volumétrica; implantar a expansão do conjunto sem interromper a linha de produção existente; programar a execução do conjunto em etapas”⁵.

São inúmeros exemplos em que se pode observar a importância obtida, nas discussões da crítica, do planejamento físico do complexo têxtil em questão, onde houve, segundo Ruth Verde Zein, “respeito pela paisagem e pela adequação com o sítio, numa atitude que jamais peca pela subserviência ou busca a dissimulação”.⁶ Ou ainda, a predominância, nas análises e observações acerca da Hering matriz de Blumenau, acerca do diálogo estabelecido através do

⁵ Segawa, Hugo. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. São Paulo: Edusp, 1997, p. 161.

⁶ Zein, Ruth Verde. Prêmio IAB/SP para a Hering Nordeste. *Projeto* n. 60, fev. 1984, p. 32.

plano diretor com a natureza e com a história, tornando aquela implantação única, formando um todo indissociável com os morros, a natureza, a história da empresa e do lugar “num perfeito casamento entre o antigo e o moderno”.⁷

Ao contrário da abordagem restrita no que se refere às questões funcionais e tipológico/ formais do edifício, a questão da ambientação do edifício e a preocupação com o conforto e bem estar dos usuários é abordada freqüentemente e de modo enfático: “Mas é principalmente na compreensão do edifício industrial não como mero local de produção, sim espaço habitável, cujo valor cultural é formador de hábitos, sem prejuízo da funcionalidade, e no sentido da valorização da imagem da empresa, que Hans Broos demonstra sua postura de profissional atuante e responsável. Daí a preocupação com a complementação e a explicitação da obra, seja através do tratamento paisagístico, entregue a personalidades do gabarito de Burle Marx, na ênfase nos espaços de encontro e lazer, integrados com os locais de produção, e na preocupação com o uso de tecnologias adequadas e na sua boa execução, garantida com empenho pessoal e de sua equipe”.⁸

Os seguintes edifícios fazem parte do conjunto fabril: edifício da fiação, malharia, centro social, costura, beneficiamento, tinturaria e estocagem, além de anexos como casa de caldeiras, e estações de tratamento.



Fig. 1 – Vista Geral do Conjunto Fabril da Hering Matriz - Blumenau.

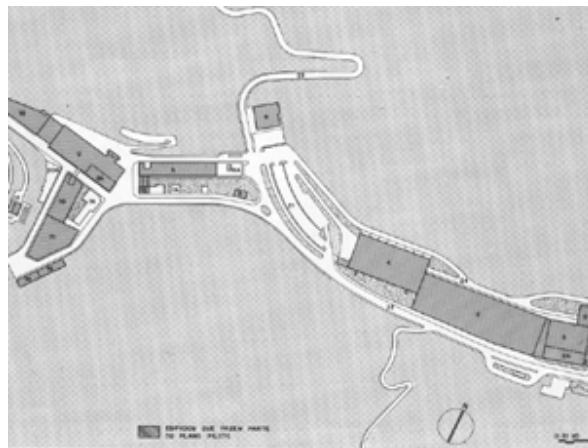


Fig. 2– Implantação Geral (*dir.p.esq.*): conjunto da fiação e malharia, centro social e conjunto da costura e beneficiamento.

⁷ Zein, Ruth Verde. Cia. Hering: a matriz de Blumenau e o satélite de Rodeio. *Projeto*. n. 60, fev. 1984, p. 34.

⁸ Zein, Ruth Verde. Prêmio IAB/SP para a Hering Nordeste. *Projeto* n. 60, fev. 1984, p. 32.

Volumetria e Plasticidade

O arquiteto busca expressão junto aos materiais, como tijolos à vista, e em especial, o concreto armado. Em todos os edifícios é característica a marcação das juntas das fôrmas de madeira, conservando uma austeridade por fora; uma arquitetura voltada para si, mas com apuro nos detalhes, uma postura projetual que se revela próxima à arquitetura brutalista desenvolvida no Brasil entre as décadas de 1950 e 1960.

É característica destas obras a estrutura na definição dos espaços. Arquitetura contida, mas ao mesmo tempo não é inexpressiva, vazia em caráter. Volumes horizontalizantes, que por vezes é quebrado pela composição rítmica da estrutura, como o caso do bloco da Malharia, que tem a modulação dos pilares enfatizada na fachada; ou reforçado, como no bloco da Costura, como se fossem linhas de cheios e vazios que capturam o olhar para longe, introduzindo uma dinamicidade ao volume.



Fig. 3 – Hering Matriz: Edifício da Malharia.



Fig. 4– Hering Matriz: Edifício da Costura.

Esta marcação na fachada do bloco da costura, que são guarda-corpos e marquises de proteção ao sol, encontra seu contraponto no volume vertical da torre de escadarias, que funciona como marco da matriz. Ao contrário desta fachada, a fachada frontal do mesmo bloco, uma empena de concreto, conserva uma austeridade, em que o arquiteto optou pela neutralidade em vista do prédio da costura antiga, de 1890, localizado ao lado. A ligação entre ambos se dá por uma passarela envidraçada, recuada, de mesma escala, que garante um equilíbrio na fusão dos blocos. Esta empena possui apenas algumas aberturas circulares que

permitem a visão da paisagem. Seu volume não toca o solo e tem a estrutura recuada, o que lhe garante leveza, considerando-se seu volume rígido e à tendência ao “peso” visual. O mesmo recurso foi utilizado no edifício da Malharia, quando os volumes das escadas parecem estar suspensos.

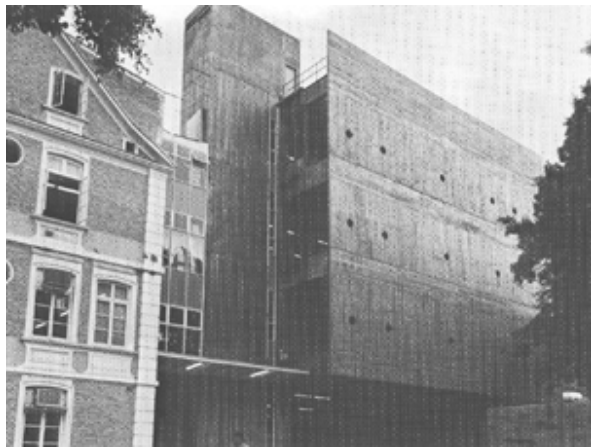


Fig. 5 – Hering Matriz: Edifício da Costura Antiga e o novo bloco.



Fig. 6– Hering Matriz: volume da escada no edifício da Malharia.

Semelhante solução encontra-se no bloco do Centro Social, em que o fechamento voltado para o jardim é de vidro, o que permite visão ao jardim, mas também confere leveza, tendo em vista a grande altura da viga longitudinal somada à presença do terraço-jardim. O acesso a este é feito pela Praça Histórica, um ambiente composto por diversos níveis, com jogo de escadas de diferentes desenhos, ângulos, perfazendo um espaço dinâmico com jogo criativo dos elementos constituintes. Há ainda espelho d'água e chafariz central, simbolizando a existência de um antigo poço. A cobertura é uma grelha em concreto armado com os vãos cobertos com acrílico, simbolizando o rancho antigo, ponto vital de encontros. As velhas figueiras presentes na praça, em conjunto com o jardim que ladeia o Centro Social e seu terraço jardim, além da vegetação circundante, gera uma bela continuidade visual, numa fusão entre obra natural e construída.

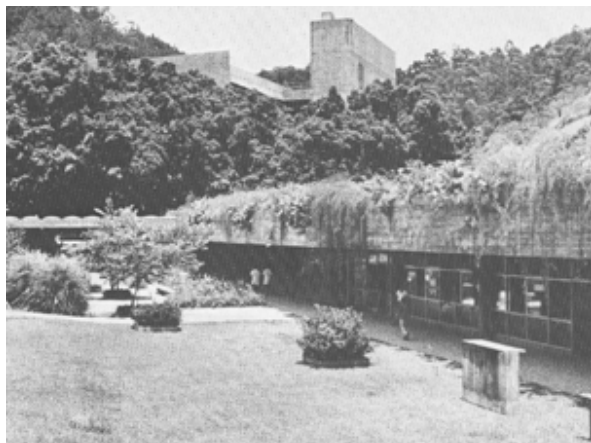


Fig. 7 – Hering Matriz: Centro Social.



Fig. 8– Hering Matriz: Praça Histórica.

Semelhantes características podem ser encontradas em outros projetos industriais de Hans Broos, em que o arquiteto une com destreza a solidez do concreto aparente com uma dinâmica e leveza graças à exploração plástica e ao requinte do desenho, tendo como característica essencial a escala humana.



Fig. 9 – Satélite de Água Verde (1974).



Fig. 10 – Satélite de Ibirama (1977).

Partido e Estrutura

Em geral, os edifícios são grandes blocos longitudinais que apresentam continuidade nos espaços, exceto o Centro Social, que congrega vários setores, e organizados de acordo com a modulação interna do edifício seguindo a regularidade do volume externo. O acesso aos ambientes é facilitado pela presença, quase que em todos os blocos, de circulações horizontais

externas, que também reúnem a circulação vertical, e incluem a função de proteger os ambientes contra a incidência solar e intempéries.

Assim como no bloco da Malharia, os blocos do Beneficiamento, da Tinturaria a modulação da estrutura é representada na fachada. O único edifício que não obedece a esta regra é o bloco da Costura, com suas linhas horizontais ressaltadas, como já exposto anteriormente.

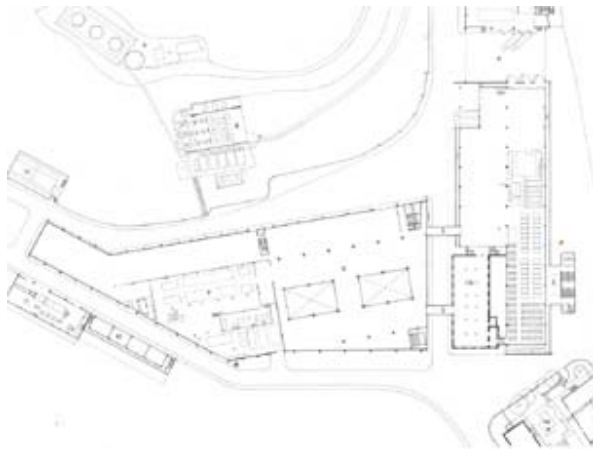


Fig. 11 – Hering Matriz: planta do conjunto da costura e beneficiamento.

No edifício da Costura a empena de concreto forma um vão com o prédio, protegendo contra o sol e garantindo iluminação e ventilação naturais. O acesso principal de pessoal é feito pela torre de escadas ligadas aos pavimentos por halls intermediários, e abrigam também elevador e sanitários.

O centro social, com apenas um pavimento, se desenvolve a partir da Rua Bruno Hering até a Praça Histórica, em frente ao bloco da costura. Abriga portaria, departamento pessoal, refeitório, centro médico e outros setores relacionados ao empregados. Todos os ambientes se abrem para a circulação externa, que se prolonga pelo jardim.

Hering Nordeste (1975-1978)

Implantação

A implantação do edifício da Hering Nordeste aproveita as chapadas de um terreno às margens da Rodovia PE-18, sendo que foi necessário um aterro de 18m foi para corrigir o terreno.

A fábrica é formada por um único bloco de produção, que congrega todas as funções ligadas a produção – beneficiamento, confecção (talharia e costura) e estocagem. Há ainda os anexos que correspondem à portaria e à casa de caldeiras.

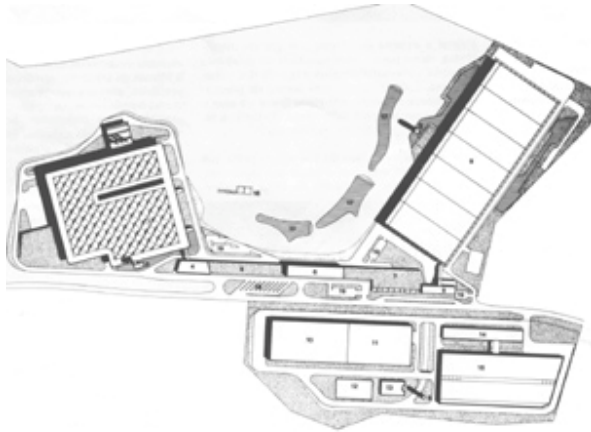


Fig. 12 – Hering Nordeste (bloco à esq): previsão da implantação geral do complexo fabril.

Volumetria e Plasticidade

Devido ao fato de ser um único bloco a congregar todas as funções, o edifício caracteriza-se pela exploração dos grandes vãos e pela exacerbação da tecnologia construtiva. O que se destaca no edifício é sua estrutura, em especial a treliça metálica presente na cobertura; e é na cobertura que reside o grande interesse da crítica, tanto de caráter funcional quanto formal: “a malha espacial permanece visível e sua leveza contraposta à massa de concreto representa o principal componente arquitetônico do monobloco; é seu elemento essencial que o define e diferencia do restante do conjunto fabril”.⁹

⁹ Apresentação do projeto. “O Complexo Têxtil da Hering do Nordeste S/A Malhas”. *Projeto* n. 46, dez. 1982, p. 58.



Fig. 13 – Hering Nordeste: vista do monobloco.

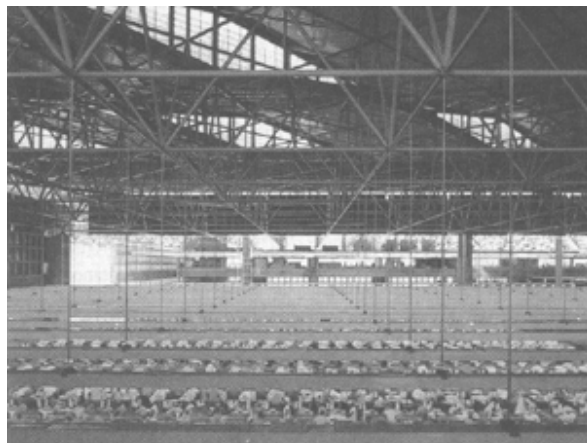


Fig. 14 – Hering Nordeste: vista interna do setor de produção.

Entretanto, as dimensões do conjunto são assustadoras: 216 x 192m. Aqui, definitivamente, não se priorizou a escala humana, ao contrário da Hering Matriz e das demais unidades satélites em Santa Catarina. Há, porém, o detalhamento, a tentativa de pormenorizar a escala, como no fechamento do edifício, feito com blocos vazados de concreto e conforme a necessidade recebe a proteção de cobogós, elementos vazados de concreto, telas ou vidro. Contudo, esta tentativa é falha quando avista-se à frente proporções descomunais.

Contrariando as demais publicações acerca desta obra, Maria Alice Junqueira Bastos, em seu livro “Pós-Brasília: rumos da arquitetura brasileira”, faz uma apreciação crítica sobre a volumetria do edifício. A autora questiona a escala do edifício, “desumana na sua impessoalidade”¹⁰, e enquadra-o dentro de uma categoria específica da arquitetura moderna brasileira - embora neste caso, reelaborada e adequada ao programa a que se destina - que foi hegemônica nos anos de 1960-1970: “apresenta a horizontalidade, a continuidade de espaços internos, a definição volumétrica maciça, mas, acima de tudo, a grande escala.”¹¹ De fato, o papel preponderante da estrutura, a restrição do número de materiais, a ausência de revestimentos e a limpeza construtiva referencia esta arquitetura àquela desenvolvida no país no período citado.

Partido e Estrutura

¹⁰ Bastos, Maria Alice Junqueira. *Pós-Brasília: rumos da arquitetura brasileira*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2003. p. 209.

¹¹ *Idem, ibidem*.

Toda a concepção do projeto foi guiada de forma que se aproveitasse da melhor maneira possível os ventos da região. Segundo o texto de apresentação do projeto: “o desejo de se aproveitar as condições naturais para o sistema e ventilação e ambientação do edifício influenciou o projeto desde o traçado geral, isto é, desde a implantação e orientação dos volumes no terreno até, e especialmente, a concepção da cobertura”.¹² Até mesmo as unidades internas foram dispostas de acordo com a melhor exposição aos ventos marítimos. Todo o fechamento externo do edifício é feito com elementos pré-moldados vazados de diferentes tipos, de forma a garantir fluxo de ar para o interior do edifício.

Diferentemente da Hering Matriz de Blumenau, que teve como ponto mais discutido sua implantação e a filosofia que orientou a formulação de seu plano diretor, nos escritos sobre a Hering Nordeste a questão funcional é bem mais evidente: “Os grandes espaços, que facilitam eventuais remanejamentos do lay-out e a supervisão dos conjuntos de trabalho, foram vencidos por uma estrutura espacial cujos apoios estão localizados nos limites do edifício”.¹³

Os fluxos e a racionalização das operações ocupam grande parte das análises da crítica sobre a obra: “Os três grandes conjuntos de serviços para a fabricação de artigos de malha de algodão – beneficiamento de malha crua, confecção de artigos de malha beneficiada e estocagem dos artigos acabados – foram concentrados num único edifício, principalmente por permitir a racionalidade do fluxo de produção, a diminuição da área ocupada pelo prédio em relação ao terreno e à disponibilidade de suficiente área de reserva para a implantação do sistema viário, além de futuras ampliações”.¹⁴

A planta foi resolvida a partir de um módulo-base de 12x12m, com uma subestrutura de concreto armado e supra-estrutura metálica cobrindo toda a primeira, vencendo vãos de até 60m. Através dela se conseguiu reunir em um único espaço todos os setores do processo fabril, inclusive faixas técnicas, escadas e mezaninos. Como também é através dos planos verticais de sua estrutura espacial que possibilitou iluminação e ventilação no interior do edifício.

Os principais salões de trabalho estão no pavimento térreo, com os serviços auxiliares de cada setor localizados no subsolo.

¹² Apresentação do projeto. “O Complexo Têxtil da Hering do Nordeste S/A Malhas”. *Projeto* n. 46, dez. 1982, p. 61.

¹³ *Idem, ibidem.*

¹⁴ *Idem, p. 55.*

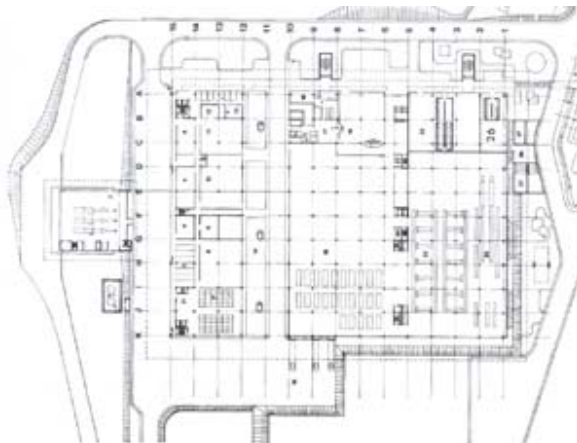


Fig. 15 – Hering Nordeste: planta baixa subsolo.

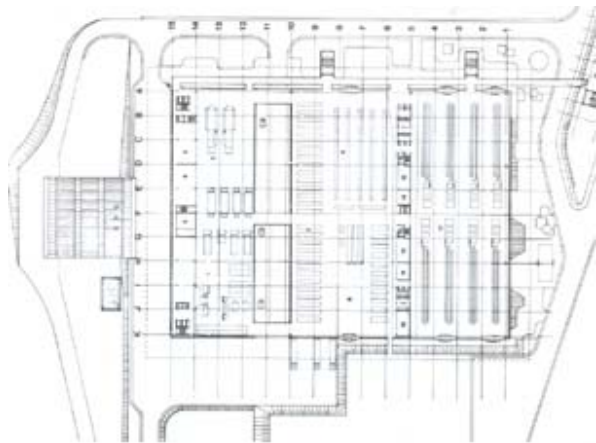


Fig. 16 – Hering Nordeste: planta baixa térreo.

A passagem de pessoal foi resolvida por uma passagem coberta por toda a extensão do bloco no nível do pavimento térreo. De um lado desta passagem estão os acessos aos salões de produção, de outro, as escadarias que ligam ao subsolo.

Conclusão

A distância temporal entre as duas obras analisadas não é grande, cerca de sete anos; por isso não podemos individualizá-las em contextos diferentes. Talvez sim, a Hering Matriz, iniciada no final dos anos 1960, ainda se alimentava de certos padrões, de uma continuidade com o Movimento Moderno, enquanto que a década de 1970 já evidenciava uma nova etapa, com novas formulações. É verdade também, que esta distinção é mais evidente na Europa e nos Estados Unidos, onde estavam os principais teóricos da revisão do Movimento Moderno e posteriormente começaram a materializar suas idéias. No Brasil, na década de 1970 ainda vivíamos sob a égide modernista, numa época de pouca discussão de arquitetura em que vivíamos a magnitude das grandes obras do milagre econômico. Será que a Hering Nordeste não comunga deste ímpeto de desenvolvimento no país, das realizações em grande escala?

É evidente que a implantação do complexo têxtil da Hering Matriz de Blumenau suscita inúmeras análises, seja do ponto de vista de sua implantação e plano diretor, do ponto de vista estrutural, formal, do patrimônio histórico ou pelo intrigante local para instalação de uma indústria, um vale estreito entrecortado por morros. De fato, o local de inserção foi decisivo para a configuração espacial e o caráter do conjunto fabril.

Da mesma forma, a Hering Nordeste gera interesse pelo aproveitamento climático e pelo fato de ter sido premiado, gerando maior destaque e interesse junto ao público. É interessante neste ponto discutir também a importância da crítica. Em geral, as apreciações não passam do discurso funcional, limitando-se à discussão dos pontos-chave de resolução do problema, e recaem quase sempre nos mesmos pontos de cada edifício, sem avançar em discussões formais e tipológicas.

Sem dúvida, a obra da Hering Matriz apresenta características que a torna tributária da arquitetura paulista desenvolvida entre os anos de 1950 e 1960. A horizontalidade marcante dos edifícios, definição volumétrica maciça em um único e grande bloco. Mas ainda é uma arquitetura contida, sem ousadia no desenho, o que também ocorre nas unidades satélites, a título de exemplo. Na Hering Nordeste, Broos se libertou de alguns ditames, mas não corresponde a uma revisão formal dentro de sua postura projetual, e sim uma inflexão em sua arquitetura, visto que outras obras, em parte aqui mostradas, foram construídas no mesmo período, e dão seqüência a uma linguagem do arquiteto. Um exemplo de arquitetura com a mesma tipologia do edifício da Hering Nordeste, com a cobertura definindo a volumetria do bloco, é visto na unidade satélite de Rodeio, próximo a Blumenau, construída em 1978. Um exemplo de arquitetura com grandes vãos, sem tornar-se impessoal; que ostenta proezas estruturais, mas conserva detalhes em seu desenho.



Fig. 17 – Satélite de Rodeio (1978): Bloco principal.



Fig. 18 – Satélite de Rodeio (1978): Acesso principal com o bloco ao fundo.

Fica claro que as exigências de projeto entre uma obra e outra são bastante divergentes, e as respostas formais, idem. Em ambos os casos, as condicionantes naturais guiaram os projetos,

no tocante à implantação no caso de Hering Matriz, e climáticas na Hering Nordeste. Entretanto, naquela persistiram preocupações já vistas quanto à escala, ao desenho e tratamento dos espaços, à leveza de elementos contraposta à massa de concreto, enquanto nesta, no anseio de responder com a maior funcionalidade possível às condicionantes climáticas, houve descuido de elementos de projeto encontrados na Hering Matriz que contribuíram, de forma decisiva, na concepção de uma obra industrial ímpar dentro do quadro brasileiro.

Referências Bibliográficas

Apresentação do projeto. "O Complexo Têxtil da Hering do Nordeste S/A Malhas". *Projeto* n. 46, dez. 1982 p. 51-68.

BANHAM, Reyner. *El Brutalismo en Arquitectura: Ética ou Estética?* Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1966.

BASTOS, Maria Alice Junqueira. *Pós-Brasília: rumos da arquitetura brasileira*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2003.

MONTANER, Josep Maria. *Depois do Movimento Moderno: arquitetura da segunda metade do século XX*. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2001.

SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. São Paulo: Edusp, 1997.

ZEIN, Ruth Verde. Cia. Hering: a Matriz de Blumenau e o Satélite de Rodeio. *Projeto* n. 60, fev. 1984, p. 33-66.

ZEIN, Ruth Verde. Prêmio IAB/SP para a Hering Nordeste. *Projeto* n. 60, fev. 1984, p. 30-32.

ZEIN, Ruth Verde. *O lugar da crítica: ensaios oportunos de arquitetura*. Porto Alegre: Centro Universitário Ritter dos Reis, 2001.